

---

# **A história do presente: Educação, comunicação e tecnologias em xeque**

Edgard Cesar Melech

Professor de Comunicação Social na Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO  
Doutorando do programa de pós-graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade  
Tuiuti do Paraná – UTP

---

---

## Resumo

A escola exerce importante papel para a conquista da cidadania e do conhecimento – sem os quais grandes parcelas da sociedade não teriam condições de alcançar níveis de desenvolvimento pessoal, social, político e econômico. Entretanto, o tempo traz um novo e desafiador paradigma, caracterizado pelo uso de novas mídias e tecnologias de comunicação. Essa demanda, que em sua condição estratégica de *expertise* torna o usuário autônomo no acesso, produção e reprodução de conteúdos, traz múltiplas e complexas necessidades para a educação formal, desafiando-a para que confronte seus papéis historicamente conservadores. Neste sentido, interpretar essas necessidades sociais é também um dos grandes problemas colocados a educadores e comunicadores, atores/mediadores que vivenciam diariamente essa problemática.

**Palavras-chave:** Comunicação. Educação. História. Tecnologia.

## Abstract

The school plays an important role for the achievement of citizenship and knowledge - without which large portions of society would not be able to achieve levels of personal, social, political and economic development. However, time brings a new and challenging paradigm, characterized by the use of new media and communication technologies. This demand, which in his condition strategic expertise makes Standalone user access, production and reproduction of contents, brings multiple and complex needs for school, daring her to confront their historically conservative roles. In this sense, interpret these social needs is also one of the major problems posed to educators and communicators, actors / mediators who experience this problem daily.

**Keywords:** Communication. Education. History. Technology.

---

---

## Introdução

A proposta deste artigo é discutir a relação entre a escola e as tecnologias midiáticas, notadamente quanto aos motivos e causas que dificultam a participação mais atuante das instituições de ensino na mediação dos conteúdos comunicativos, possibilitando participação mais crítica e madura entre seus principais atores e a sociedade. Para isso, considera-se alguns aspectos da história da comunicação e a evolução das mídias ao longo do século XX até a atualidade, bem como, uma breve abordagem dos estudos em torno de comunicação e educação.

É importante observarmos, inicialmente, que a comunicação está presente desde que o homem conseguiu utilizar sons e códigos para comunicar-se com seus semelhantes. Foram momentos que marcaram o transporte e a comunicação de idéias, porém, “nunca como hoje o homem foi tão escravo dos meios de comunicação social (Gutierrez, 1978).

---

A revolução industrial possibilitou, primeiramente, a quebra do espaço-tempo que caracterizou a humanidade ao longo de sua trajetória. Deixamos a época da manufatura artesanal e assumimos a velocidade da máquina. Junto surgiu a sociedade moderna com novos cotidianos repletos de afazeres, compromissos e também formas de entretenimento e necessidades característicos da urbanidade. Para a comunicação social isso significou acelerar e aumentar a produção; no caso dos jornais, mais veículos impressos em menor tempo, com melhor qualidade gráfica e a custos mais baixos para o leitor.

Na história do jornalismo isso foi caracterizado em diferentes períodos e, no início, o elevado custo do maquinário e do papel, somado às condições tecnológicas incipientes e às dificuldades políticas, limitavam o produto *jornal* a reduzido número de leitores.

O mensário *Correio Braziliense*, de Hipólito da Costa, que circulou de 1808 a 1822, é reconhecido como o primeiro jornal brasileiro, mas por questões políticas fora impresso no exterior e as notícias chegavam aqui três meses depois para um seleto grupo de privilegiados. Atualmente, o *Correio Braziliense*, de Brasília (homônimo do jornal de Hipólito da Costa) possui uma tiragem de 55 mil exemplares/dia e também é visto por milhares de leitores através de seu portal na Internet.

A moldagem do mundo midiático iniciou-se efetivamente a partir da imprensa industrializada e o acesso de grande número de leitores a notícias, opinião, interpretação dos fatos, classificados e anúncios publicitários. Dos jornais coloniais às rotativas, elementos estéticos foram agregados com a evolução do planejamento gráfico a imagem revelada e reconstruída através da fotografia. Ainda no final do século 19 surge o cinematógrafo, precursor do cinema moderno e que impactaria toda sociedade nos anos seguintes.

O século 20 foi um período diferenciado para a história da comunicação, porque foi marcado pelo surgimento do rádio (década de 20), da TV (década de 50) e da Internet (década de 90), inventos que permitiram para a maioria dos indivíduos acompanhar, discutir e em muitos aspectos decidir sobre os problemas locais e internacionais da humanidade. Assim, com uma grande quantidade de informações através dos veículos de comunicação, forjou-se ao final desse século uma sociedade sensível para absorver em parte a complexidade do mundo digital, capitaneado pela Internet e suas mídias sociais.

A chegada de um novo milênio tecnológico, no entanto, faz surgir um outro personagem no contexto midiático, que ao longo da história recente esteve relegado a mero “receptor” da comunicação de massa. O indivíduo passivo transformou-se em um usuário

que consome, produz e compartilha comunicação. Trata-se de uma relação que enfraquece o roteiro pré-estabelecido para o “editor”, o “repórter” e o “entrevistado”. Entra em cena uma nova estrela, que é o internauta das mídias sociais e suas aparentemente infinitas possibilidades ferramentais e estéticas.

### Sistematização e história: complexidades

Os estudos e práticas em comunicação e educação atravessam a pedagogia e a tecnologia, atingindo complexidades culturais, econômicas, filosóficas, sociológicas, políticas e históricas. Trata-se de um campo de conhecimento ainda em formação, mas que já reúne alguns importantes conceitos formatados ao longo da história recente. Um dos precursores na experimentação no gênero foi o pedagogo francês Célestin Freinet, que em janeiro de 1927 lançou o livro *“A imprensa na escola”*, em que relata atividades desenvolvidas numa pequena escola no sul da França. Ele também foi o editor responsável pela revista *La Gerbe* (O Ramalhete), onde foram publicados textos, poemas e desenhos feitos por seus alunos (Sampaio, 1989).

Não havia ainda, na época, conceitos definidos para “comunicação e educação” ou “educomunicação”, mas Freinet questionava a escola conservadora e seus

manuais que obrigavam seus frequentadores a fechar os olhos para o mundo. Através de projetos como *aula-passeio*, *imprensa escolar*, *livro da vida* e uma cooperativa comunitária, estimulou a participação de seus alunos nos processos do conhecimento. O projeto alcançou outras dimensões com a inclusão da arte, da poesia, da correspondência e da imersão das crianças no meio ambiente em que sua escola se localizava.

Também as idéias do brasileiro Paulo Freire ajudaram a compor o humanismo e a democracia enquanto propostas para uma mudança na forma e no jeito de como ensinar e aprender. Em “Pedagogia do Oprimido” o autor revela a necessidade de fundamentar na comunicação toda ação comunicativa:

“Este diálogo, como exigência radical da revolução, responde a outra exigência radical que é a de conceber os homens como seres que não podem ficar à margem da comunicação, posto que são comunicação em si. Colocar obstáculos à comunicação equilibra a transformar homens em objetos” (Freire, 1988).

Assim, o desenvolvimento conceitual das pesquisas em comunicação e educação ocorre de maneira diversa em diferentes culturas. Na Inglaterra, França, Estados Unidos, Itália e também Equador, México, Argentina, Chile e outros países latino-americanos, projetos teóricos e práticos propuseram, de início, formas de discutir e criticar os meios de comunicação de massa.

Atualmente o entendimento sobre este tema passa por variadas abordagens que resultam designações diversas, desde *comunicação e educação, a educomunicação*, e, em geral, sintetizam as seguintes propostas:

- Educação para recepção crítica;
- Expressão comunicativa através da arte;
- Mediações tecnológicas no espaço educativo;
- Gestão dos processos comunicativos;
- Reflexão epistemológica sobre a inter-relação Comunicação/Educação.

O amadurecimento deu-se a partir de várias abordagens, entre estas a condição máxima da tecnologia por si própria e seu irreparável desenvolvimento em *O Meio é a Mensagem*: “Temos que decidir se entramos nessa nova aula aberta, para influir em nosso ambiente total ou se consideramos a escola como o último baluarte para conter a torrente dos meios” (Mc Luhan, 1971).

## Ilusão e distanciamento da realidade

Constata-se que jovens compõem importante grupo de usuários da internet e essa representação cresce verticalmente dentro e fora das salas de aula. Isso mostra que a sociedade da comunicação é feita de indivíduos partícipes da construção do conhecimento,

mas em contrapartida, há ainda muitas dúvidas quanto ao uso crítico, inteligente e ético das tecnologias.

É possível suspeitar que o distanciamento entre a realidade vivenciada na escola e o mundo da Internet se amplia dia a dia, por várias razões, entre elas a falta de políticas adequadas que incluam planejamento curricular, interdisciplinaridade e infra-estrutura das instituições de ensino – fatores que geram discrepâncias e aumentam ainda mais o abismo entre o que é ensinado em sala de aula e os conteúdos informais obtidos junto ao universo online.

Do ponto de vista da pedagogia tradicional pode haver a ilusão de que toda essa modernidade tecnológica pareça conspirar contra todos os princípios e regras acadêmicas. E isso faz sobreviver um dos problemas centrais neste campo que é o relativo desinteresse do ensino formal para com as mídias e tecnologias de comunicação e suas infinitas possibilidades. Isso não acontece somente pelo ângulo da compreensão técnica dessas novas tecnologias, mas principalmente quanto ao domínio e à mediação voltados para uma prática pedagógica capaz de gerar senso crítico e a vontade de tornar o usuário dessas tecnologias um criador qualitativo.

Com o objetivo de refletir sobre esses novos desafios, colocam-se as seguintes indagações:

- Quais os melhores caminhos a seguir quanto à construção curricular, a interdisciplinaridade e a

relação das disciplinas com os aspectos inovadores colocados através dos sistemas de informação e comunicação?

- Quais ações são prioritárias para que se reduzam as diferenças de infra-estrutura das escolas em relação às tecnologias modernas, possibilitando a formação crítica necessária à cidadania?
- Como os conceitos de Comunicação e Educação podem contribuir para uma escola dialógica e que valorize a autonomia dos indivíduos na construção de uma sociedade democrática?

## Desafios a serem enfrentados

Os paradigmas motivados pela sociedade da informação implicam em novas condições para as instituições de ensino, confrontadas com o fato de que de um lado há uma estrutura focada no repasse do conhecimento, e de outro, tecnologias e softwares que possibilitam acessar praticamente todo tipo de dado, compartilhamento e participação através de sites e mídias sociais.

Vivenciamos numa sociedade composta por 102 milhões de internautas ativos que ocupam domicílios, trabalho, escolas, LAN houses e outros espaços. O uso dos smartphones cresceu 86% em relação a 2012, enquanto a adoção de tablets aumentou 300%. São 63 milhões de brasileiros que usam pelo menos duas telas diariamente (TV + computador), enquanto 30 milhões

já usam três telas (TV+ computador+smartphone) (Ibope Media, 2013).

Os conteúdos podem ser acessados e obtidos em tempo real, a qualquer momento, por qualquer pessoa e em qualquer lugar. No país, o número de indivíduos acessando a Internet por meio dos seus dispositivos móveis ultrapassou o número acessando via computador. Aproximadamente 92% acessam a internet através dos seus dispositivos móveis e 14% por meio do desktop, em casa (Ibope, 2013).

Também é possível observar que a cultura midiática se dissipou em todas as classes sociais e atualmente 61% dos brasileiros da classe C lideram o uso das tecnologias de comunicação, enquanto os das classes A e B somam 37% e D/E apenas 2% do total dos usuários (Ibope, 2013).

Aumentou consideravelmente o nível de incorporação da mídia pela sociedade, mas ainda há escolas de olhos fechados a essa problemática. Pesquisa realizada em escolas públicas do município de Guarapuava (PR), em 2011, revelou que as dificuldades maiores se caracterizam pela falta de computadores conectados à internet e também pelo ainda tímido desempenho de projetos. Entretanto, um dos aspectos de maior impacto é a falta de recursos suficientes para viabilizar de forma mais qualitativa as práticas pedagógicas que utilizem tecnologias de comunicação (Melech, 2011).

Além disso, é muito comum que o acesso aos computadores seja controlado e que, por exemplo, o uso desses equipamentos em ambiente escolar fique restrito a poucos funcionários, isso quando não estão quebrados por falta de manutenção adequada e periódica. A consequência do que pareça ser receio ou medo da descentralização que esse tipo de tecnologia provoca, também pode intimidar e desestimular a criação e o desenvolvimento de projetos.

Além destas considerações, contata-se que a utilização de novas e revolucionárias ferramentas pressupõe uma aceitação de uma via de mão dupla, isto é, o aluno deixa de ser passivo em relação à aquisição de conteúdos e passa a construir seu próprio conhecimento. Essa realidade que se apresenta também reprocessa o sistema educacional, quando a aquisição de conhecimento deixa de ser de um para todos, passando a ser de todos para um e também de todos para todos.

## Dinâmica da transformação social

Condições sociais pressionam e a escola tenta se adaptar às mudanças dessa realidade dinâmica caracterizada por novos paradigmas, mas ao longo da história o que se constata é o abismo entre a vivência

do educando e os conteúdos transmitidos em sala de aula.

A crítica ao modelo tecnológico discute a temática central na morte daquilo que chamamos de *modernidade*, caso esta seja definida, entretanto, apenas na fé incondicional naquilo que chamamos de *progresso*, na tecnologia, na ciência e no desenvolvimento econômico. Para Edgar Morin, trata-se de um momento histórico em que é necessário não perder a esperança:

Se é verdade que o gênero humano, cuja dialógica cérebro-mente não está encerrada, possui em si mesmo recursos criativos inesgotáveis, pode-se vislumbrar, para o terceiro milênio, a possibilidade de nova criação, cujos germes e embriões foram trazidos pelo século XX: a cidadania terrestre. E a educação, que é ao mesmo tempo transmissão do antigo e a abertura da mente para receber o novo, encontra-se no cerne dessa nova missão (Morin, 2011).

Neste sentido, entende-se que o papel da escola vá além da formação curricular ou mesmo da transmissão de conhecimentos, inserindo-se num tipo de responsabilidade cuja proposta maior inclui a própria sobrevivência humana amparada na democracia, na ética e na cidadania:

*Não há cultura sem cérebro humano (aparelho biológico dotado de competência para agir, perceber, saber, aprender), mas não há mente (mind), isto é, capacidade de consciência e pensamento, sem*



*cultura. A mente humana é uma criação que emerge e se afirma na relação cérebro-cultura (Morin, 2011).*

A superação dos desafios que essa problemática coloca aos atores sociais é o ideal a ser conquistado, considerando dificuldades que impõe barreiras à escola. Analisadas questões históricas e políticas, constata-se que esta instituição tenha sido um dos principais alicerces na manutenção e propagação das estruturas de consumo de bens culturais e simbólicos utilizados e perpetuados através daquilo que Pierre Bourdieu definiu como “uma secreta afinidade” que une os valores mais propriamente escolares (pelo menos aparentemente) e os valores das classes dominantes:

*A inteligência, o talento ou o dom são os títulos de nobreza da sociedade burguesa que a Escola consagra e legitima ao dissimular o fato de que as hierarquias escolares que ela produz por uma ação de inculcação e de seleção aparentemente neutra, reproduzem as hierarquias sociais no duplo sentido do termo. Por esta via, o sistema de ensino não cumpre apenas uma função ideológica, mas de fato concede a sanção de seus veredictos a uma das formas mais encobertas e mais eficazes do privilégio de classe” (Bourdieu, 1987).*

Assim, ao discutirmos a necessidade de que a escola consiga desempenhar papel social democrático na busca por uma pedagogia libertadora, enfatiza-se a interpretação de Néstor Canclini sobre as instituições de ensino e as relações com os meios de comunicação e as novas tecnologias. Uma novidade das últimas

décadas é como *meios e escola* disputam a formação dos cidadãos, na qual a escola tinha um papel quase exclusivo até a primeira metade do século XX:

*A escola tinha a tarefa de formar cidadãos, de habilitá-los ao conhecimento da história, para as responsabilidades públicas e, desde modo, permitia isentar-se dos processos sociopolíticos, culturais e também sócio-econômicos. Os meios não vieram para reestruturar a escola, mas para competir com ela. Vê-se criticamente o papel dos meios porque a violenta mercantilização do rádio, da tv e do cinema transformaram seu papel de educador para direções que não tem como meta formar cidadãos numa visão democrática. Mas também há que se pensar que a escola, e o que ocorreu com ela em quase todos os países da América Latina, é que deixou de estar centrada numa cultura letrada para uma escola onde chegaram os computadores e os professores não sabiam o quê fazer, e que viu os meios audiovisuais como uma ameaça, como inimigos e, portanto, os excluiu (Canclini, 2009).*

O autor questiona o fato de que a maioria das escolas não tenha incluído nos currículos o ensino dos meios audiovisuais e, além disso, enfatiza que os professores encontram muitas dificuldades em manejar os programas (softwares) e que, por isso, perdem grandes oportunidades de comunicação, de edição, de instrução e de acesso a bens educativos e culturais que oferece a Internet:

*Chegamos a uma situação complexa quando a noção de cidadania se voltou para um processo duvidoso, ou seja, o quanto podemos mudar ao nos desenvolvermos como cidadãos. A escola tem*

*muito pouco para dizer acerca de como usar os distintos recursos de informação, de organização das demandas e das práticas sociais com vistas ao interesse público e, por outro lado, a forte privatização de grande parte do sistema escolar que tende a formar mais expertos que cidadãos, técnicos simplesmente, e a mercantilização agressiva dos meios, fazem com que a colaboração entre esses distintos atores seja muito difícil. Me parece que há uma responsabilidade compartilhada nestas deficiências” (Canclini, 2009).*

Esse contexto para aquisição de conhecimentos implica numa escola mais crítica e atenta para um tipo de formação para a cidadania em seus mais variados modos. Isso alterou o sentido do que seja *educação* e também do significado dos *meios de comunicação*. Trata-se de uma nova relação a que todos estão expostos, através da convergência dos meios de comunicação, da cultura participativa e da inteligência coletiva pois “...nenhum de nós pode saber tudo; cada um de nós sabe alguma coisa; e podemos juntar as peças, se associarmos nossos recursos e unirmos nossas habilidades” (Lévy, 1998).

## Revolução irreversível

O uso das tecnologias tornou-se realidade no cotidiano da grande maioria dos estudantes e apesar de haver escolas que proibam dispositivos de comunicação durante o período letivo, estes buscam constantemente

a inclusão digital enquanto forma de inserção social. Em contrapartida, há escolas que desenvolvem projetos em mídia-educação e que apóiam, entre outros, o movimento mundial pela aprendizagem móvel (*mobile learning*), que propicia uma interação mais intensa entre conteúdos repassados em sala de aula e conteúdos obtidos através de dispositivos como celulares e tablets, por exemplo. Trata-se de uma realidade que rapidamente ganha espaço e que, provavelmente até a metade deste século, possa obrigar todos os profissionais da educação a tornarem-se especialistas em comunicação e mídia.

Assim, quando a problemática de maior impacto na primeira década deste século foi a que discutia a Internet para mais pessoas, hoje esse conceito poderia ser ampliado. Essa situação ainda é um grande desafio, mas uma tendência revela o fato de 40 a 60% da população brasileira já ser usuária desse modelo tecnológico, principalmente das mídias sociais (Oxford Internet Institute, 2013).

Constata-se que uma das questões mais críticas está vinculada a projetos que superem o atual modelo de educação quanto à infra-estrutura, currículos, capacitação e criatividade. Trata-se de uma questão do ponto de vista pragmático: Se não é mais possível negar a existência desse contexto social e cultural, o desafio é o que fazer daqui em diante com esses sistemas de comunicação já popularizados entre o público mais

jovem. Isso tem gerado conceitos e interpretações que interferem na forma tradicional de repasse de conhecimento, provocando uma inteligência coletiva que pode ser vista como uma fonte alternativa:

*A convergência não ocorre por meio de aparelhos, por mais sofisticados que venham a ser. A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros. Cada um de nós constrói a própria mitologia pessoal, a partir de pedaços e fragmentos de informações extraídos do fluxo midiático e transformados em recursos através dos quais compreendemos nossa vida cotidiana (Jenkins, 2008).*

Neste sentido, as considerações apresentadas buscam destacar a importância da escola nesse contexto de convergência e inteligência coletiva, pois é nela e através dela (escola) que acontecem as transformações sociais de maior impacto e, isolá-la deste processo parece não ser o melhor remédio. Além disso, observa-se que os sistemas de ensino são inspirados

no princípio de que a educação é direito de todos e dever do Estado.

Desta forma, vencer a barreira da ignorância é ascender a um tipo de sociedade fundada no contrato social celebrado 'livremente' entre os indivíduos. "Só assim seria possível transformar os súditos em cidadãos, isto é, em indivíduos livres porque esclarecidos, ilustrados. Como realizar essa tarefa? Por meio do ensino. A escola é erigida no grande instrumento para converter os súditos em cidadãos" (Saviani, 2009).

Como sinalizado a partir das pesquisas e dados sobre uso de tecnologia por jovens e adolescentes, observa-se que a influência sobre a sociedade é inevitável e será cada vez maior. Educadores e comunicadores têm, portanto, grandes desafios a superar, notadamente quanto aos possíveis caminhos a seguir, e cobra-se desses profissionais atitudes difíceis, mas não intransponíveis, na transformação necessária e fundamental.

## Referências

- CANCLINI, Néstor Garcia. *Lectores, espectadores e internautas*. Barcelona: Gedisa, 2007.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.
- GUTIERREZ, Francisco. *Linguagem Total* – Uma pedagogia dos meios de comunicação. São Paulo: Summus, 1978.
- IBOPE MEDIA 2013 disponível em <http://www.ibope.com.br/pt-br/relacionamento/imprensa/releases/Paginas/Numero-de-pessoas-com-acesso-a-internet-passa-de-100-milhoes.aspx>
- JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. São Paulo: Aleph, 2008.
- LÉVY, Pierre. *A Inteligência Artificial* – Por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- MC LUHAN. *Contraexplosión*. Buenos Aires: Paidós, 1971.
- MELECH, Edgard. *Pesquisa Tecnologias e Mídias nas Escolas*, disponível em [http://anais.unicentro.br/sec/iiisec/pdf/trabalho\\_119.pdf](http://anais.unicentro.br/sec/iiisec/pdf/trabalho_119.pdf)
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Unesco/Cortez, 2ed.
- OXFORD Internet Institute, 2013, em <http://www.tecmundo.com.br/internet/45555-mapa-recria-dimensao-dos-paises-com-base-no-numero-de-internautas.htm>
- SAMPAIO, Rosa Maria Whitaker Ferreira. *Freinet* – Evolução histórica e atualidades. São Paulo: Scipione, 1989.
- SAVIANI, Dermeval. *Escola e Democracia*. São Paulo: Ed. Autores Associados, 2009.